

RESUMO - DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

RESCALDO E BORRALHO: O QUE O APFB, O ALS E O ALIB REVELAM SOBRE A CINZA QUENTE EXISTENTE NOS FOGÕES DE LENHA

Maria Isabel Silva Lino De Sousa (marialino@ufba.br)

Silvana Soares Costa Ribeiro (silvanaribeiro25@gmail.com)

Isadora Matos Costa (isadoracosta@ufba.br)

A comunicação oral objetiva divulgar os resultados parciais de pesquisa de iniciação científica, vinculada ao Projeto Do APFB, ALS e ALiB ao Atlas linguístico dos falares baianos (BA e SE): caminhos de resgate, memória e avanços na coleta e análise de dados dialetais da fala dos brasileiros, coordenado pela Profa. Dra. Silvana S. C. Ribeiro. O estudo está inserido no campo da Dialetologia que, de acordo com Cardoso (2010, p.15), tem por objetivo “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”, ou seja, o espaço geográfico evidencia as particularidades linguísticas que uma região pode assumir em detrimento de outra. No que concerne à análise e descrição dos fenômenos em variação diatópica na língua, os atlas linguísticos são um instrumento tecnológico criado para facilitar os estudos dialetais na busca da descrição da variação linguística e da identificação de regiões

dialetais brasileiras. O enfoque, neste trabalho, é a análise da variação fonética e lexical a partir dos dados de dois atlas estaduais, Atlas Prévio dos Falares Baianos (Rossi, 1963) e Atlas Linguístico de Sergipe (Ferreira et al., 1987), doravante, APFB e ALS. Estes atlas foram produzidos durante a terceira fase da Dialetologia brasileira, que teve início em 1952 com o Decreto no. 30.643, que regulamentou como um dos objetivos da Comissão de Fisiologia da Casa de Rui Barbosa a confecção de um atlas linguístico do Brasil, e teve fim em 1996 com a fundação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). O APFB é um atlas monodimensional, pensado nas bases da geolinguística tradicional, e teve o corpus recolhido, in loco, em 50 localidades do estado da Bahia, com 100 informantes enquadrados no perfil que Zágari (1998, p.36) denomina HARAS (“Homem, Adulto, Rurícola, Analfabeto e Sedentário”); enquanto o ALS é o primeiro atlas bidimensional brasileiro. Diferentemente do que ocorre no APFB, no ALS incluem-se sistematicamente informantes homens e mulheres em cada uma das 15 localidades inquiridas. Os dados do APFB foram recolhidos entre 1960 e 1961. Entre 1967 e 1968, realizaram-se os inquéritos definitivos em Sergipe para o ALS. É objetivo deste trabalho divulgar a análise das denominações para “cinza quente” oriunda dos fogões de lenha, a partir dos dados coletados sistematicamente e registrados nas cartas linguísticas 50 do APFB e do ALS e comparar com os dados recolhidos na Bahia e em Sergipe pelo Projeto ALiB. Os dados das cartas do APFB e do ALS trazem apenas duas lexias distintas: rescaldo e borralho, que apresentam variações fônicas, como a abertura da vogal média pretônica, iotização da lateral palatal e rotacismo. A análise dos dados do corpus do Projeto ALiB aponta para baixo número de respostas obtidas por causa do desaparecimento parcial do referente, o que pode demonstrar que alterações culturais podem produzir alterações linguísticas.

Palavras-chave: apfb; als; projeto alib; variação lexical; variação diatópica.